

A guerra secreta contra Vorster que Botha e os generais ganharam

por Miguéis Lopes Júnior

De Vorster a Botha, desenrola-se no Governo de «Pretória e no seio do Partido Nacional que o dirige uma guerra secreta. A agressão disparada por Vorster com a demagogia do diálogo e «detentes», Botha e os generais fazem prevalecer a linha dura de intervenção directa além-fronteiras, do Exército da RAS, oculto ou não por designações de fachada. Sabendo-se que Botha estava desde o início ligado à preparação e orquestração de grupos de sabotagem para actuação na África Austral, e muito particularmente à dos bandos do «MNR», tem interesse seguir, com base no livro do ex-agente secreto Gordon Winter «Inside BOSS», alguns pormenores menos conhecidos da trajetória do avateletado jogado pelo actual Primeiro-Ministro sul-africano e que o levaria ao poder.

As conversações internas registadas no Interior do Partido Nacional, particularmente a partir de 1975, são abundantemente documentadas no livro.

John Vorster, chefe do executivo do «apartheid» àquela data sofria bastantes pressões da ala direita do seu partido, os verkrampstes, que desejavam uma prioridade mais absoluta, sem rodeios e sem olhar a meios, para a manutenção da dominação racista na RAS. Vorster tinha vindo a desenvolver, concertadamente com os EUA, uma política afinal virada para os mesmos objectivos, mas com outros meios. Ele tentara construir a imagem do «homem do diálogo» e da «detentes» com África, e apagar sempre os restos das intervenções militares directas nos territórios vizinhos.

A «TRAÍÇÃO» DOS EUA

A direita contestava-o a linha edura» encabeçada pelo então Ministro da Defesa P. W. Botha e seu braço direito o general Magnus Mallan, então Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da RAS.

Em meados de 1975, acende-se a «mecha» visível da contradição. Após pressões insistentes de Kissinger e da CIA, sobre Vorster, e seu aliado em questões de «detentes», o responsável máximo da BOSS, general Hendrik Van Den Bergh, a África do Sul decide-se a invadir Angola. Em Julho de 1975 milhares de soldados sul-africanos e mercenários, apoiados por blindados, aviões e artilharia, penetram em território angolano numa tentativa de derrubar o MPLA e colocar os fantoches da UNITA-FNLA no poder. A

Intervenção militar fora desde o princípio advogada por P. W. Botha, para quem este tipo de soluções eram as melhores para resolver as crises do «apartheid».

Nos Estados Unidos entretanto, um Congresso sofrendo ainda da ressaca da guerra do Vietnam acabaria por vetar as tentativas de Kissinger para aumentar o seu apoio à RAS e por ela à UNITA e FNLA.

Por outro lado, os sul-africanos vão encontrar no terreno umas FAPLA reforçadas por combatentes cubanos experimentados, cuja ajuda havia sido solicitada da urgência pelo MPLA. O Exército da RAS sofre uma rotunda derrota e regressa humilhado a casa.

Na RAS, os militares, entre os quais Botha começara a criar fortes laços tentam lançar as culpas da derrota para a «inépcia dos políticos civis» e para a «traição dos EUA».

BOTHA E O «MNR»

John Vorster fora Ministro da Polícia e das Prisões antes de ser Primeiro-Ministro e, neste último cargo, em aliança com Van Den Bergh, assegurou o comando e reforçou as forças policiais, incluindo a BOSS. Botha, como Ministro da Defesa, reforçou as Forças Armadas e os seus contactos com os principais generais, incluindo Magnus Mallan e seu aparelho de Espionagem Militar (MI). Assim, o esquema «MNR», que desde o início foi deixado à responsabilidade do MI através de Mallan, ultrapassou a descrição pretendida por Vorster logo nos primeiros anos da sua criação. Depois da subida de Botha ao poder, movi-

mentos fantoches do tipo «MNR» vão aliás transformar-se abertamente em autênticos Destacamentos do Exército sul-africano, utilizando os mesmos quartéis e obedecendo a uma hierarquia de oficiais sul-africanos.

Na sua guerra secreta pelo poder Botha iria utilizar habilmente os meandros da corrupção que grassava no Governo. Um dos seus alvos vai ser o Departamento de Informação, onde pontificava Connie Mulder, dirigente da poderosa secção do Transval do Partido Nacional, e um sério rival de Botha na corrida para a pasta de Primeiro-Ministro.

O Departamento de Informação era uma capa da BOSS, através da qual o Governo sul-africano fazia propaganda e adquiria armas em diversos países, passando por cima do embargo decretado pela ONU. Para o efeito eram necessárias «tuvas» a pagar aos diversos intermediários. Mulder é que supervisionava os gastos do fundo posto à disposição pelo governo para esse fim e com parte do qual foi adquirido o jornal «Citizen» e se tentou comprar ainda um jornal de Washington.

No ano financeiro 1978/79, o Departamento deveria ter gasto 200 milhões de rands — cerca de oito milhões de contos — nas compras e respectivas «tuvas». Uma comissão de inquérito, nomeada sob pressão da ala direita do Partido Nacional descobria entretanto que estavam cerca de 40 milhões de rands — cerca de um milhão e 600 mil contos — em falta. Este processo, conhecido como escândalo de Muldergates viria a provocar a demissão de Mulder, antecedida pela do próprio Vorster, em 20 de

Setembro de 1978, quando as condições do caso se aproximavam perigosamente dele próprio.

O MI CONTRA A BOSS

Na página 577 do seu livro, Gordon Winter refere-se a todo o «projecto» de P. W. Botha e os seus peritos da Espionagem Militar.

Assim, muito material secreto teria sido fornecido por Botha à jornalista «contacto» Alda Parker, do jornal «Citizen». Esta teria pedido a Winter que a ajudasse a consultar toda a documentação, a fim de escrever uma série de artigos.

Depois de trabalharem durante mais de um mês, a série apareceu no jornal sob a designação «A guerra secreta dos EUA contra a África do Sul».

«Na altura» — escreve Winter — «eu sabia que Alda tinha conseguido obter a maior parte das informações a partir de P. W. Botha e seus homens da Espionagem Militar, mas não sabia ainda o motivo oculto de Botha — derrubar o Primeiro-Ministro Vorster e H. J. Van Den Bergh».

Sob o pulso de Van Den Bergh, a BOSS sempre teria mantido óptimas relações com a CIA, a pontos da política secreta sul-africana começar a fazer tudo quanto a sua congénere norte-americana lhe dizia para fazer. Assim, salienta Gordon Winter, os extremistas de direita no Governo iniciaram uma rebelião, clamando que Vorster e Van Den Bergh eram meros «gatinhos dominados pela CIA, chupando as tetas dessa hiena política Henry Kissinger».

Um dos mais ferozes oponentes de Vorster era P. W. Botha que, segundo Winter, «ficou com a cara cheia de lama quando a intervenção da RAS em Angola redundou, num flashc e a CIA se retirou deixando a África do Sul apanhar com todas as culpas».

Outra razão do antagonismo Botha/Vorster seria o facto da Espionagem

Militar ter sido relegada para segundo plano quando Van Den Bergh «struturou» a BOSS.

Assim, logo que Botha soube dos projectos secretos montados pela BOSS em contacto com o Departamento de Informação, reuniu alguns dos seus homens do MI que efectuaram uma cuidadosa investigação. Quando chegou a altura — refere o autor do «Inside BOSS» — ele forneceu então todos esses elementos a Alda Parker.

BOTHA JOGA E GANHA

Depois preparou a sua próxima jogada que seria lenta e regularmente «libertar» informações para o «Rand Daily Mail» e «Star» — dois jornais da oposição «libertar» sul-africana — sobre os meandros dos projectos do Departamento de Informação. Desta forma teria nascido o célebre «Muldergates» que levaria à queda de John Vorster. H. J. Van Den Bergh demite-se imediatamente a seguir, já que, sem a cobertura de Vorster e altamente implicado no escândalo, acabaria por ser incriminado publicamente.

Com efeito, logo após a subida ao poder de P. W. Botha, o Departamento de Espionagem Militar chama a si diversas responsabilidades da BOSS. Esta última, sob a batuta de Mallan, muda de nome, devido à «carga» que transportava, e passa a designar-se DONS (Departamento de Segurança Nacional).

Por outro lado, os militares tomam a seu cargo uma condução muito má directamente da política, sob a égide do par Botha-Mallan. A comprová-lo o crescente papel que este último — actualmente Ministro da Defesa da RAS — tem tomado na questão da Namíbia, e na organização, financiamento e treino do «MNR» e outros grupos comandados pela RAS para se oporem a desestabilização nos países independentes da África Austral.